

UMA BREVE HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA NA MADEIRA

FILIPE DE BETTENCOURT*

Fecha de recepción: 30 de julio de 2023

Fecha de aceptación: 7 de septiembre de 2023

Resumen: O Museu de Fotografia da Madeira-Atelier Vicente's assenta sobre o estúdio da Photographia Vicente (1863-1978), atualmente o mais antigo de Portugal, adquirido originalmente em 1865 por Vicente Gomes da Silva (1827-1906). O acervo inclui uma panóplia de itens originais relacionados com a atividade fotográfica, desde cenários, câmaras, mobiliário, literatura técnica e um valioso arquivo fotográfico, que se estima contar entre os 3 a 4 milhões de espécimes. Para além da coleção Vicente's, que remonta à década de 50 do século xx, o espólio contém outros fotógrafos profissionais e amadores que passaram pela Madeira, assim como um núcleo relativo ao cinema. O Governo Regional da Madeira adquiriu em 1979 todos os bens do estúdio, que após reabilitação, reabre em 1982 como Photographia-Museu Vicentes. Em 2014, foi encerrado para trabalhos de requalificação e reabriu em julho de 2019 com a atual designação. Em 2020 foi reconhecido pela Associação Portuguesa de Museologia com o título de Melhor Museu do Ano.

Palabras claves: Museu; Atelier Vicente's; Fotografia; Ilha da Madeira; Estúdio; Fotógrafos.

Abstract: The Madeira Photography Museum-Atelier Vicente's is located in the Vicente's Photography Studio (1863-1978), the oldest one in Portugal at present. It was first acquired by Vicente Gomes da Silva (1827-1906) in 1865. The collection includes several original pieces connected with the photographic activity, such as theater sets, cameras, furniture, technical books and a valuable photographic archive, with an estimation of three or four million of copies. Besides the Vicente's fund which dates back to the fifties, the collection keeps the work of other professional and amateur photographers who stayed in Madeira, and in

* Diretor del Museu de Fotografia da Madeira-Atelier Vicente's. Correo electrónico: filipe.bettencourt@madeira.gov.pt.

addition, it has a nucleus related to cinema. The Regional Government of Madeira, bought the entire collection of this studio in 1979, which after undergoing restoration, it started as the Photographia-Museu Vicentes. In 2014, the museum closed for refurbishment works and opened again on July 2019 with the present name. In 2020, it was awarded the 'Best Museum of the Year' by the Portuguese Association of Museology.

Key words: Museum; Atelier Vicente's; Photography; Madeira Island; Studio; Photographers.

Tal como no continente português, também no Arquipélago da Madeira se lia *O panorama*, contudo, os periódicos locais procuraram igualmente desenvolver notícias sobre a descoberta da fotografia, como é o caso do periódico *O defensor* de 4 de abril de 1840. Nele se publica, sob o título «O Daguerreotypo», a notícia da descoberta da fotografia e os seus processos químicos e físicos.

Mas não foram apenas as notícias nos jornais e nos livros técnicos, como o *Historique et description des progédés du daguerréotype et du diorama* escrito pelo próprio Daguerre, que serviram como veículo de promoção da fotografia na Madeira. Será também através da visita de muitos fotógrafos estrangeiros, na sua maioria britânicos, que a fotografia ganhará popularidade neste Arquipélago.

E podemos começar pelo célebre abade e daguerreotipista francês, Louis Compte (1800-1869), que terá sido o introdutor do Daguerreotipo na América do Sul, que aquando da sua passagem pela Madeira entre os dias 23 e 25 de novembro de 1839, integrado numa viagem científica francesa à volta do mundo e que levava consigo material fotográfico, terá sido, pelo menos, tentado a tirar vistas da Madeira.

Porém, só voltaremos a ouvir falar de daguerreotipistas na ilha em 1847 com dois ingleses, D. Leanly e D. Seweles e de um daguerreotipista anónimo que tinha atelier na rua dos Pangeiros (actual rua da Infância). E, apenas em 1849 teremos novamente notícias de daguerreotipista no Funchal, com um inglês de nome Daniel Searles (como nota curiosa é de referir que todos os britânicos até este, exerceram a sua atividade na rua do Estudo (parte da atual rua dos Ferreiros), rua essa onde Thomas Russel Manners

Gordon (1829-1906), 3.º Visconde e 1.º Conde de Torre Bela, possuía uma casa).

Contudo para estes hiatos na vinda, ou pelo menos publicitação de fotógrafos nesta altura, a explicação passa pela grave crise económica que a Madeira atravessava, assim como as diversas perturbações políticas que se passavam no Reino e que se refletiam também nesta ilha.

Posteriormente, surge-nos o nome de um dos mais importantes fotógrafos da Madeira e possivelmente de Portugal. Fundador de uma das casas fotográficas de maior longevidade, cuja data de fundação será o mais tardar de 1859, embora o próprio refira duas datas (1851 e 1854) como épocas de experiência na fotografia e a data da fundação da casa Vicente, como gravador e fundidor, de 1848. Falamos de Vicente Gomes da Silva (1827-1906).

A partir deste momento temos uma profusão de profissionais e amadores, locais, nacionais e estrangeiros, que exerceram o seu mister nesta Ilha, começando por Marcellin Turpin e Joseph Julien, dois retratistas franceses que estiveram na Madeira entre fevereiro e maio de 1854, passando por um fotógrafo anónimo na rua do Castanheiro em 1860, a venda de material fotográfico num leilão de pertences de Thomas Russel Manners Gordon (1829-1906) em 1863 e a notícia de que teria sido premiado numa exposição no Porto em 1861. A publicação de fotografias de Jacinto Hanibal de Freitas (1839-?) e de Aluisio Cezar de Bettencourt (1838-1895) num jornal de variedades e de fotografia denominado *Aurora de domingo* em 1862, sendo que em 1868 possuíam em conjunto uma «oficina photographica» instalada na rua do Mercado de S. João (atualmente teatro Municipal Baltazar Dias). A estada de um fotógrafo, possivelmente espanhol, chamado Ulisses Viejo Bueno d'Oliveira entre agosto e setembro de 1862 e de um fotógrafo anónimo estabelecido no palácio de S. Pedro nesse mesmo ano.

Em 1863 temos a abertura do atelier de João Francisco Camacho (1833-1898) na rua do Conselheiro e em 1870 na rua de S. Francisco.

Nesse mesmo ano temos o estabelecer de um fotógrafo britânico chamado T. Atkinson, primeiro na hospedaria Luscomb na rua da Carreira e posteriormente, pelo menos até 1883, na rua do Mercado de S. João, n.º 6 e 7.

Em 1866 temos um fotógrafo português ou espanhol chamado P. Serras, que se estabelece no Hotel Madeira à praça da Constituição. Em 1868 são criadas algumas casas fotográficas que têm vida breve, como é o caso da «Photographia de Lino Fernandes Velloso» (1831-1906) situada na rua dos Netos n.º 50 e 51 e da «Photographia dos Dois Amigos» situada na Ponte Nova.

Em 1872 noticia-se a publicação de um álbum de fotografias da Madeira, de autoria de Joaquim Augusto de Sousa (1853-1905), que em 1889 irá sublocar, juntamente com Augusto César dos Santos (1862-?) o atelier de João Francisco Camacho (1833-1898), criando assim o estúdio «Sousa e Santos, Sucessores de João Francisco Camacho», entre 1889 e 1892.

Temos, em 1872, vindo de Coimbra, Joaquim Ferreira Nogueira, que no Funchal abre o Nogueira's Photographic Studio com sede na rua dos Netos n.º 51.

No ano de 1878 temos a primeira notícia a fazer referência ao 3.º filho de Vicente Gomes da Silva (1827-1906) e o seu herdeiro no mundo da fotografia, Vicente Gomes da Silva Júnior (1857-1933).

Ainda em 1878 encontramos referências à fundação da Photographia Aliança, que se estabelece na rua dos Netos n.º 51 e, pelo menos em 1889, continuava a exercer.

Em 1881 temos a visita de Charles Piazzi Smyth (1819-1900), numa visita científica, que ficará registada no livro *Madeira spectroscopic*, onde na capa temos um «woodburytipo» que reproduz uma vista da costa da Madeira. E é neste ano de 1881 que chegou pela primeira vez à Madeira o fotógrafo Júlio Augusto Siza (1841-1919), primeiro para trabalhar no estúdio de João Francisco Camacho (1833-1898) (que desde 1878 se havia mudado para Lisboa), mas logo em 1882 passou a trabalhar com Vicente Gomes da Silva (1827-1906), onde ficou até 1884, altura em que

partiu para Demerara (posteriormente Guiana Britânica e atual República da Guiana).

Em janeiro de 1883 regista-se a abertura do atelier de Augusto Maria Camacho (1838-1927) «*sobre a muralha do lado norte do palácio de S. Lourenço com a frente para o Jardim Novo*». E apenas em 1888, se tivermos em consideração alguns testemunhos de familiares (outros testemunhos familiares falam em 1878), é que temos novamente notícias acerca de um novo fotógrafo na Madeira, com a entrada em cena de um antigo criado de João Francisco Camacho (1833-1898), chamado Manuel de Olim Perestrello (1854-1929), que em 1909 aluga o estúdio de Augusto Maria Camacho (1838-1927), criando uma sociedade denominada «Photographia M. O. Perestrello, Sucessores de A. Camacho», que em 1910 deu lugar à sociedade «M. O. Perestrello & Filhos».

Em 1889 temos notícias do filho de Augusto Maria Camacho (1838-1927), João Augusto Camacho (1869-?), que em 1897 abriu um atelier na rua Ivens, n.º 28 em Lisboa.

Também em 1889 tivemos a visita de um fotógrafo inglês, de seu nome Henry M. Bell, que em 1893 fotografou a segunda visita da imperatriz da Áustria, Isabel da Baviera (1837-1898) à Madeira, conjuntamente com Vicente Gomes da Silva Júnior (1857-1933). Para além de Bell tivemos igualmente em 1889 a presença de dois fotógrafos franceses que se dedicavam à fotografia de unidades uniformizadas na Europa.

Em 1892 Augusto César dos Santos (1862-?) passa a ser o único proprietário do antigo estúdio de João Francisco Camacho (1833-1898), passando a denominá-lo de atelier Santos até 1898, altura em que o arrendou a Manuel Ascensão Henriques de Freitas, que o cedeu, em 1903, a João Augusto Rodrigues (1874-1940) e Paulo Vasco da Silva e Sousa, que nesse mesmo ano saiu e deixou João Augusto Rodrigues (1874-1940) como único proprietário.

Igualmente em 1892 constata-se a estada de J. H. T. Ellerberck na Madeira. Certamente terá aproveitado para tirar as vistas que ilustram os seus livros sobre a Madeira e Canárias.

Em 1894 as notícias dão-nos conta da chegada de um fotógrafo alemão para trabalhar no atelier Santos (tal como tinha acontecido no atelier de João Francisco Camacho (1833-1898) em 1882, aquando da saída de Júlio Siza (1841-1919), com um outro fotógrafo alemão, chamado Schorbell), de seu nome Renckens.

Em 1895 noticia-se a venda, por estar de saída da Madeira, de material fotográfico do engenheiro suíço René Masset (1855-1909), que estava na Madeira desde 1884 ao serviço do governo português.

Finalmente, em 1898, encontramos ainda a notícia de ter sido premiado em Londres, num concurso de fotografia, o célebre amador fotográfico João António Bianchi (1861-1928), visconde de Valle Paraíso (a partir de 1893).

A história da fotografia na Madeira continuará pelos séculos XX e XXI, chegando aos nossos dias com o advento da fotografia digital, mas mantendo na mesma os seus artistas, os seus amadores e os seus profissionais.

O MUSEU

O Museu de Fotografia da Madeira-Atelier Vicente's tem a sua génese no antigo estúdio fotográfico Photographia Vicente, fundado por Vicente Gomes da Silva (1827-1906).

Tornou-se um fotógrafo autodidata, tendo aprendido sobre esta nova forma de arte em diversos livros que mandava buscar a França e Inglaterra.

Para além de fotógrafo, foi gravador, desenhador, pintor, escultor, ou seja, foi um artista no verdadeiro sentido da palavra.

Fez ainda parte da Comissão encarregue da receção à Imperatriz viúva do Brasil (1812-1873) e sua filha, princesa D. Amélia (1831-1853), em 1852, sendo em 1853 nomeado gravador da Casa da Imperatriz do Brasil e em 1866, fotógrafo da Imperatriz Elisabeth de Áustria (1837-1898).

Para além da sua atividade como fotógrafo e gravador, participou em alguns artigos em jornais e fez gravuras no jornal *Agricul-*



Entrada do Museu de Fotografia da Madeira-Atelier Vicente's, rua da Carreira. Foto: Marco Gonçalves.

tor madeirense e no *Estudo* e os «cabeçalhos» dos jornais *Arquivista* e *Estudo*.

Escreveu também o artigo principal do jornal *A voz do povo* de 11 de setembro de 1862, onde tratava da temática da fotografia e dos direitos de autor, artigo esse que lhe valeu uma condenação em tribunal por calúnias a um oficial do exército português de nome chamado António Pedro de Azevedo (1814-1889).

Em 1870 fez os desenhos do cabeçalho do periódico *A liberdade*.

Como fotógrafo foi um dos grandes do seu tempo, mas primeiro estabeleceu-se como gravador, sendo com esta atividade que participa, em 1850, na 1.ª Exposição da Indústria Madeirense, promovida pelo então Governador Civil, José Silvestre Ribeiro (1807-1891), e recebe a distinção de gravador da Casa da Imperatriz do Brasil.

Foi ainda professor de desenho no Colégio Funchalense de Júlio da Silva Carvalho (1821-1903), atividade que durará, pelo

menos até se mudar para a Ponte Nova, onde possivelmente começou a exercer em exclusividade a profissão de fotógrafo.

Começou a sua atividade comercial em 1848 na praça de São João, passando, em 1858, para a rua de João Tavira e posteriormente para a rua da Ponte Nova.

Em 1862 abre um Bazar no largo da Sé e a 27 de maio de 1865 adquire o prédio da rua da Carreira, então denominada rua dos Pintos.

Posteriormente adquire uma moradia na estrada Monumental, a que denominou «Chalet Vicente», para usufruto em tempo de férias.

Aparece no verso de uma moldura com uma fotografia de Vicente Gomes da Silva, uma nota escrita pelo próprio, que diz o seguinte:

«Nasceu em 12 de Março de 1827.

Retrato de Vicente Gomes da Silva, natural de Santa Maria Maior do Funchal, tirado em 1856, tendo de idade 29 annos; filho legitimo de Domingos Gomes da Silva e de Maria Joaquina da Silva; aquele natural de S. Pedro e esta de Santa Maria Maior. Este retrato foi tirado pelo retratado, nos seus primeiros ensaios em photographia no anno da última peste cholera (1856) na Madeira, morando então á rua de João Tavira, na casa de 3 andares, dita do sargento. Aos 56 annos de idade, re-enquadrou este retrato em 24 de Novembro 1883, vivendo na sua propriedade á Carreira. Funchal».

Também existe uma nota de 1 de Agosto de 1887, pregada a um caixilho, que diz o seguinte:

«Este resto de caixilho pertenceu ao 1.º aparelho photographico com que comecei a exercer a profissão de photographo um anno depois da descoberta do colodio photographico (1851) por Mr. Archer, chimico inglez, que seguiu as sugestões de Niépce, chimico francez. O ditto aparelho completo custou-me £3, e foi-me trazido de Londres

pelo capitão Davies, do "Ecluse", a pedido de José António Monteiro Teixeira, meu amigo, quando já ele era vice-consul de França. Foi com o dito caixilho que retratei a imperatriz d'Austria, quando estive na Madeira, na Quinta da Vigia assim como muitos personagens da sua comitiva, e outros grandes estrangeiros e da terra, bem como muitos meus patrícios democratas, com quem ganhei dinheiro bastante para me alegrar. Funchal, 1 de Agosto de 1887.

Vicente Gomes da Silva».

Faleceu na sua casa de residência à rua da Carreira a 14 de dezembro de 1906.

O estúdio Photographia Vicente manteve a sua atividade de forma ininterrupta (1863-1978), sempre no seio da mesma família durante 4 gerações. Esta particularidade foi relevante para que, e passados tantos anos, a sua riqueza patrimonial permanecesse no museu sem que tivesse havido desmembramentos. Esse património, constituído por livros de registos, provas e negativos fotográficos, adereços, cenários, máquinas fotográficas, literatura específica e outros equipamentos ascende aos 4 milhões de espécimes.

Vicente Gomes da Silva, Júnior (1857-1933) herdou do pai o talento para as artes, colaborou com este no seu *atelier* e com ele fez progredir o estúdio de fotografia, sucedendo-o na direção da «Photographia Vicente». Foi o responsável pela atualização e ampliação do atelier tal como hoje o conhecemos.

Em 1903 é nomeado «Photographo da Casa Real Portuguesa» pelo seu trabalho aquando da visita régia à Madeira em 1901.

Tal como o pai, não só se dedicou à arte de fotografar, como também às artes gráficas e mecânicas, tendo participado na publicação do *Diário de notícias do Funchal*.

Sucedeu-lhe Vicente Ângelo Gomes da Silva, seu filho, e que lhe seguiu os passos. Foi ele quem realizou a reportagem fotográfica da estada na Madeira, no seu regresso do Brasil, dos aviadores Carlos Veigas Gago Coutinho (1869-1959), Artur Freire Sacadura Cabral (1881-1924). Com a morte do Vicente Ângelo, sucede-lhe na gestão do negócio, Vicente Bettencourt Gomes da Silva. Com a morte



Photographia Vicente. Retratos de Vicente Gomes da Silva, sentado, Vicente Gomes da Silva, Júnior, à esquerda, Vicente Ângelo Gomes da Silva, à direita e Vicente Bettencourt Gomes da Silva, sentado na mesa (1904-1906). MFM-AV, inv. 13612.

deste em 1960, o irmão, Jorge Bettencourt Gomes da Silva passa a gerir a casa, sendo o último «Vicente» proprietário do atelier.

A 16 de março de 1972 o estúdio Photographia Vicente é vendido a uma empresa particular, até que, em 1979, o Governo Regional da Madeira adquiere todo o seu recheio.

A 22 de março de 1982, e após algumas obras, é inaugurada a Photographia-Museu Vicente's, passando em 2004 a ser propriedade do Governo Regional.

O museu permaneceu aberto até 2014, altura em que foi obrigado a encerrar devido à degradação do edifício.

Após as necessárias obras de requalificação do edifício houve que repensar o programa expositivo bem como o seu propósito.

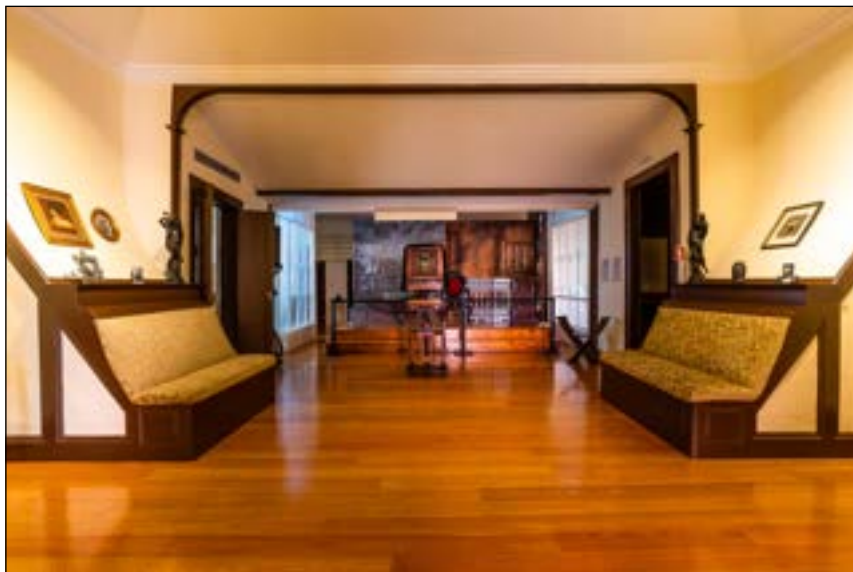


*Escadaria central do Museu de Fotografia da Madeira-Atelier Vicente's.
Foto: Marco Gonçalves.*

Todo o numeroso e riquíssimo espólio fotográfico foi alvo de uma atenta análise e concluído que teria de ser deslocado para permanecer em depósito no Arquivo Regional da Madeira. Aqui, além de se encontrar nas melhores condições de conservação, há uma equipa que diariamente age em conformidade com os mais elevados níveis de preservação, conservação e restauro documental e é executada a sua inventariação.

O museu passou a ter outra dimensão, pois agora está pensado para acolher não apenas o espólio Vicente's, mas também o de outros fotógrafos profissionais e amadores, regionais, nacionais e estrangeiros que registaram momentos da Madeira através das suas máquinas fotográficas ao longo dos tempos.

O Museu de Fotografia da Madeira-Atelier Vicente's continua a crescer, fruto de uma forte, mas disciplinada política de aquisições, julgando ser possível apontar para um universo entre 4 e 6 milhões de espécimes, entre negativos, provas, equipamento, adereços etc.



Antigo Atelier Vicente's (aspecto geral). Museu de Fotografia da Madeira-Atelier Vicente's. Foto: Marco Gonçalves.



Sala de exposição permanente «Do Estúdio à Fajã, Retrato e Paisagem na Fotografia Madeirense». Foto: Marco Gonçalves.



Exposição temporária: Photographia Perestrellos: encontros com a história. Foto: Marco Gonçalves.



Sala multimédia do Museu de Fotografia da Madeira-Atelier Vicente's. Foto: Marco Gonçalves.



Réplica do laboratório fotográfico do Atelier Vicente's. Foto: Marco Gonçalves.



Experiências de revelação fotográfica dinamizadas pelo Serviço Educativo do Museu de Fotografia da Madeira-Atelier Vicente's.



Experiências de revelação fotográfica dinamizadas pelo Serviço Educativo do Museu de Fotografia da Madeira-Atelier Vicente's.



Visitas orientadas dinamizadas no Museu de Fotografia da Madeira-Atelier Vicente's.

Neste novo formato, o Museu apresenta, para além da reconstituição do atelier, uma apresentação da história dos processos fotográficos, do daguerreótipo às primeiras fotografias a cores, passando pelos dispositivos de lanterna mágica e pela estereoscopia. Disponibiliza um espaço de exposição permanente representativa dos vários autores incluídos no acervo, que inclui, praticamente, todas as grandes casas madeirenses de fotografia dos séculos XIX e XX, assim como uma outra área de exposição temporária, que exhibe novidades numa base regular. A sala multimédia apresenta diariamente um filme promocional da ilha produzido na primeira metade do século XX entre outros, dependendo da época.

A reconstituição do atelier, é sem qualquer tipo de dúvida, o ex-libris deste museu, uma vez que, no essencial, transmite bem o que seria um atelier fotográfico do século XIX, desde a sua orientação relativamente à entrada de luz natural, à versatilidade destes espaços, no que diz respeito aos adereços e cenários utilizados.

Além destas valências, o museu tem uma loja onde o visitante pode adquirir merchandising variado e bibliografia específica bem como todas as obras lançadas pelo serviço de publicações da Direção Regional da Cultura da Madeira. A biblioteca, que de futuro terá acesso público, apenas aguarda equipamento informático. Dela já constam algumas centenas de revistas e livros técnicos acerca do mundo da fotografia bem como obras generalistas e da história da madeira, entre outros. Dispõe igualmente de uma cafetaria que aguarda adjudicação para exploração.

O Serviço Educativo tem várias atividades durante todo o ano, desde oficinas, workshops, visitas guiadas, mas o seu âmbito vai muito mais além... temos uma atividade denominada «O Museu vai à Escola», em que é realizada uma exposição itinerante nas escolas com atividades práticas de revelação de fotografia ou mesmo outras atividades relacionadas.

A quando da pandemia covid-19, o museu teve de encerrar portas e foi estabelecida uma política diferente.

Criámos páginas nas redes sociais (Facebook e Instagram) de forma a criar laços com o público. Utilizamos estas ferramentas para interagir e mostrar a riqueza patrimonial, e desde aí que, diariamente, publicamos uma fotografia pertencente ao acervo.

COLEÇÕES DO MUSEU

Tal como já referi, o museu tem vindo a praticar uma política de incorporações bem sustentada e criteriosa e que permite hoje ter um universo bem representativo da história da fotografia na ilha da Madeira. Estão representadas nas coleções, as grandes casas fotográficas que desde o séc. XIX até à atualidade fizeram parte do panorama fotográfico da região, assim como outros fotógrafos amadores, nacionais e estrangeiros, que por cá passaram e a registaram através da fotografia.

Elenco de seguida as casas fotográficas e fotógrafos que integram as nossas coleções:

- Alberto Camacho Brandão (1884-1945).
- Alexander Lamont Henderson (1838-1907).
- Aloísio César de Bettencourt (1838-1895).
- Álvaro Crawford do Nascimento Figueira (1885-1967).
- Artur da Silva Mendes Campos (1943-2020).
- Augusto João Soares (1885-1970).
- Carlos Fernandes (1930-2017).
- Carlos Fotógrafo (1957-2002).
- Charles Courtenay Shaw (1878-1971).
- Foto Arte (1948-?).
- Foto Figueiras (1930-1988).
- Foto Sol (1951-1980).
- Francisco João Barreto (1877-1934).
- Gino Romoli (1906-1982).
- Heino Schmidt.
- João Anacleto Rodrigues (1869-1948).

João António Bianchi (1861-1928).
 João António Filipe Pestana (1929-2017).
 João Francisco Camacho (1833-1898).
 João Lemos Gomes (1906-1996).
 Joaquim Augusto de Sousa (1853-1905).
 José Raphael Basto Machado (1900-1966).
 Juvenal Vera Cruz Correia (1905-1995).
 Perestrellos Photographos (1890-1998).
 Photographia Vicente (1863-1978).
 Rafael Basto Machado (1900-1966).
 Renné Masset (1855-1909).
 Russel Manners Gordon (1829-1906).
 Eduardo Varela Pècurto (1925).

FOTÓGRAFOS MADEIRENSES EM CANÁRIAS

Destaque para dois fotógrafos madeirenses de relevo, que captaram imagens nas ilhas Canárias, entre finais do séc. XIX e inícios do séc. XX.

—João Anacleto Rodrigues (1869-1948)

Empresário madeirense, que se notabilizou como fotógrafo amador, tendo captado paisagens na Madeira, Açores e Canárias, onde também introduziu o cinema, com recurso a um cinematógrafo Joly Normandin.

—Jordão de Olim Perestrelo (1880-1954)

Pertence a uma família que deteve uma das mais prestigiadas casas fotográficas na Madeira (Perestrellos Photographos), que esteve em actividade desde 1879 até 1998. Terá ido para Canárias na viragem do século XIX, altura em que adotou o pseudónimo «de La Luz», regressando à Madeira na década de 20.



Photographia Vicente. Retrato de João Anacleto Rodrigues (1912-09-03). MFM-AV, inv. VIC/35590.



Arquivo de João Anacleto Rodrigues. Panorâmica da cidade de Santa Cruz de Tenerife, ilha de Tenerife, Arquipélago das Canárias (entre 1897 e 1943). MFM-AV, Inv. JAR/80.



Perestrellos Photographos. Retrato de Jordão de Olim Perestrelo, detalhe (1920).

PRESENÇA DE CANÁRIOS NA IV VOLTA À MADEIRA (1962)

O automobilismo sempre foi um desporto muito acarinhado na ilha da Madeira, principalmente a sua prova rainha, o Rali Vinho da Madeira. Este rali tem a sua génese na Volta à Ilha da Madeira.

Ao promover em 1959, a realização da «1.^a Volta à Ilha da Madeira», o Club Sports da Madeira, que então comemorava o seu cinquentenário, colocou a Madeira na rota do Automobilismo Internacional. Desde aí que a presença de pilotos canários se fez



Perestrellos Photographos. Edifício do consulado da Noruega e edifício «Perestrello Studio», na cidade de Las Palmas, ilha de Gran Canária, arquipélago das Canárias, pormenor (posterior a 1901). MFM-AV, inv. PER/909.



Perestrellos Photographos. Panorâmica do bairro de Vegueta, observando-se a catedral de Santa Ana, cidade de Las Palmas, ilha de Gran Canaria (posterior a 1901). MFM-AV, inv. PER/927.



Perestrellos Photographos. Jaguar, conduzido por Jesús Urriza Chegaray, à partida na avenida Arriaga, durante a IV Volta à Ilha da Madeira em Automóvel (1962-06-30). MFM-AV, inv. PER/144104.

sentir, e aqui vos mostro imagens desses pilotos que aproveitavam a sua vinda à ilha para promoverem o seu arquipélago a nível turístico.

HISTÓRIA E CURIOSIDADES DA MADEIRA EM FOTOGRAFIA

CONTRIBUTOS PARA O TURISMO DA RAM

Apresento-vos algumas celebridades, eventos históricos e imagens que aludem à história do turismo no arquipélago da Madeira.

CELEBRIDADES QUE VISITARAM A MADEIRA

Registos de algumas celebridades, entre muitas, que visitaram a Madeira, cuja passagem teve eco na imprensa nacional e internacional.



Photographia Vicente. Sissi e as suas aias, no pátio da Quinta Vigia. A imperatriz está ao centro e diante de si, a princesa Helena de Taxis. De pé, à direita, a princesa Mathilde Windischgraetz, e, à esquerda, a condessa Lily Hunyady. MFM-AV, inv. IVC 2.

—Sissi

Elisabeth Amalie Eugenie von Bayern (1837-1898), princesa da Baviera, imperatriz da Áustria e rainha da Hungria e da Boémia. Foi esposa do Imperador da Áustria Francisco José I (1830-1916). Visitou a Madeira em 2 ocasiões.

Na 1.^a viagem, ocorrida entre 29 de novembro de 1860 e 28 de abril de 1861. A imperatriz da Áustria vinha passar o Inverno à Madeira, alegadamente em consequência do seu estado de saúde. Chegou à Madeira a bordo do navio inglês *Victoria e Albert*,

emprestado pelos reis de Inglaterra e recebeu ainda a bordo as principais autoridades da Região, ou seja o Bispo, o Governador Civil e o Comandante Militar. Ficou na residência escolhida, a quinta de Mr. Davies, sobre a baía do Funchal, onde atualmente se situa o Pestana Carlton. Foi fotografada nos espaços exteriores da Quinta Vigia, onde esteve hospedada, por Vicente

Gomes da Silva (1827-1906), que recebe por essa ação a mercê de «Photographe de Sa Majesté L'Impératrice d'Autriche» (1866). Sissi festejou o seu 23.º aniversário natalício na ilha da Madeira, sendo que foi dado fogo de artifício em sua honra na praça do registo do porto. A 28 de Abril, acompanhada pelo Infante D. Luís, que viera de Lisboa em representação do pai, partiu escoltada pela corveta portuguesa Bartolomeu Dias até Gibraltar e mais dois vapores de guerra ingleses.

Na sua 2.ª passagem pela Madeira, ocorrida entre 23 de dezembro de 1893 e 4 de fevereiro de 1894, voltou a celebrar o seu aniversário natalício, tendo completado nessa data 56 anos de vida.

—D. Carlos I

Carlos Fernando Luís Maria Victor Miguel Rafael Gabriel Gonzaga Xavier Francisco de Assis José Simão (1863-1908), foi Rei de Portugal e Algarves de 1889 até ao seu assassinato em 1908. Foi cognominado «o Diplomata», «o Mártir» e «o Oceanógrafo».

D. Carlos e a rainha D. Amélia visitaram a ilha da Madeira entre 22 e 25 de junho de 1901. Os Cruzadores D. Carlos e S. Gabriel após uma breve paragem no Porto Santo, para que os monarcas recebessem os cumprimentos das entidades locais, aportaram no Funchal pelas 14 horas, recebendo um banho de multidão. Logo após o desembarque, foi organizado um cortejo em direção à Sé, onde foi celebrado um Te-Deum. Seguiram depois para o palácio de São Lourenço, que serviu de paço real durante esta visita oficial e que, segundo consta, após a partida de D. Carlos em direção aos Açores, recebeu imensos curiosos, que se acer-



João António Bianchi. O rei D. Carlos I e a rainha D. Amélia de Orleães nos jardins da Quinta do Monte (1901-06-23). MFM-AV, inv. VVP/8.

caram dos aposentos reais para poder contemplá-los. A receção a D. Carlos I foi preparada com minúcia, desde dezembro de 1900, com um programa recheado de atividades e festividades, sendo que os principais locais de passagem da sua comitiva foram profusamente decorados e iluminados. De entre esse extenso programa destacam-se a récita de gala no teatro, a exposição industrial e agrícola no Campo D. Carlos I (hoje Campo Almirante Reis), as visitas aos quartéis e a vários estabelecimentos de caridade, o baile na Quinta Vigia e as visitas às Quintas no Palheiro Ferreiro, Choupana e Monte. Esta efeméride foi também registada pelas objetivas de fotógrafos patentes na sala de exposição permanen-

te do Museu de Fotografia da Madeira, nomeadamente, Vicente Gomes da Silva, Júnior, da Photographia Vicente (que granjeou receber o título de «Photographo da Casa Real Portuguesa»; João Anacleto Rodrigues; Joaquim Augusto de Sousa; Augusto Maria Camacho e João Bianchi, visconde de Vale Paraíso.

—Carlos de Habsburgo

Carlos de Habsburgo (n. Persenbeug-Gottsdorf, 17/08/1887; f. Funchal, 01/04/1922), imperador da Áustria e rei da Hungria, Croácia e Boémia. Pela sua manifestada fé cristã, pelo seu percurso em prol da pacificação dos conflitos na primeira grande guerra, e sendo-lhe atribuído um milagre em 1960, foi beatificado em 2004 pelo papa João Paulo II. Ascendeu ao trono do Império Austro-Húngaro em 1916, após a morte do seu tio-avô Francisco José I (1830-1916), tendo se tornado no seu sucessor em 1914, na sequência do assassinato do herdeiro presuntivo, Francisco Ferdinando (1863-1914), um acontecimento que viria a precipitar o início da Primeira Grande Guerra (1914-1918). Carlos I, um assumido pacifista, tomou diligências para evitar o envolvimento do seu império nesse conflito, que se verificaram infrutíferas. Com a vitória dos aliados, foi forçado ao exílio, que ocorreu em diferentes locais e que culminou na Madeira, por ser uma região ultraperiférica. O então ex-imperador, desembarcou no porto do Funchal a 19 de novembro de 1921, acompanhado pela sua mulher, Zita de Bourbon-Parma (1892-1989), ainda sem os seus filhos, que chegariam mais tarde à ilha. Inicialmente, hospedaram-se na «Villa Victória», quinta anexa ao Reid's Palace Hotel e, em fevereiro de 1922, por beneplácito do banqueiro Luís Rocha Machado, mudaram-se para o Monte, para a propriedade que hoje é conhecida por «Quinta Jardins do Imperador».

A sua estada foi curta, em virtude de Carlos de Habsburgo ter adoecido com uma dupla pneumonia gripal, sucumbindo a essa doença no dia 1 de abril de 1922. Em 2004, em reconhecimento



Perestrellos Photographos. Carlos de Habsburgo e Zita de Bourbon na chegada ao Funchal (1921-11-19). MFM-AV, inv. PER/2281.

do seu papel em prol da paz, pela sua manifestada fé e também, por força de um milagre que lhe é atribuído no ano de 1960, o antigo soberano foi beatificado pelo papa João Paulo II.

—Príncipe de Gales

Edward Albert Christian George Andrew Patrick David (1894-1972) foi rei do Reino Unido e dos Domínios Britânicos e Imperador da Índia, entre 20 de janeiro e 11 de dezembro de 1936, com o título de Edward VIII. Antes de sua ascensão ao trono, Eduardo foi príncipe de Gales, duque da Cornualha e Rothesay. Quando jovem, serviu nas Forças Armadas do Reino Unido durante a Primeira Guerra Mundial. O príncipe Eduardo de Gales (1894-1972), membro da família real inglesa, visitou brevemente a Madeira, numa viagem com destino à África do Sul. Chegou pelas 11 horas da manhã do dia 7 de janeiro de 1930, tendo pas-



Perestrellos Photographos. O príncipe de Gales, futuro rei da Grã-Bretanha Eduardo VIII, a sair da Pontinha, no carro de João Ernesto Blandy (1930-01-07). MFM-AV, Inv. PER/2433.

sado pelo consulado britânico, na avenida Arriaga, pela Quinta da Palmeira e pelo Reid's Palace Hotel, onde almoçou. Retomou a sua viagem pelas 15h30. O príncipe Eduardo viria a ascender ao trono do Reino Unido seis anos mais tarde, ao qual abdicou ainda no seu primeiro ano de reinado, para poder se casar com a americana Wallis Simpson.

—Winston Churchill

Sir Winston Leonard Spencer Churchill (1874-1965) político e estadista britânico. Foi primeiro-ministro do Reino Unido entre 1940-1945 e entre 1951-1955. Foi também jornalista, oficial do Exército Britânico (durante a Primeira Grande Guerra), historiador e escritor, tendo recebido o Prémio Nobel de literatura em 1953, com as suas memórias da Segunda guerra Mundial. Chegou ao cais do Funchal no dia 1 de janeiro de



Perestrellos Photographos. Winston Churchill, a pintar, na vila de Câmara de Lobos (1950-01-05). MFM-AV, Inv. PER/3487.

1950, acompanhado pela sua esposa, lady Clementine Hozier Spencer Churchill (1885-1977), pelo coronel William Deakin (seu assistente literário) e por dois secretários, hospedando-se no Reid's Palace Hotel (atual Belmond Reid's Palace). Dedicou-se à pintura nos seus tempos de lazer, sendo sobejamente conhecidas as imagens captadas no miradouro do Espírito Santo (hoje miradouro de Winston Churchill, localizado à entrada da cidade de Câmara de Lobos), onde se vislumbra o pintor amador a representar a baía e o ilhéu. Deixou a ilha a 12 de janeiro de 1950 a bordo de um hidroavião da companhia inglesa Aquila Airways.



Perestrellos Photographos. D. Juan de Bourbon no «Favellas Santo da Serra Golf Club», atual Clube de Golf Santo da Serra (Julho 1950).

MFMAV, Inv. PER/2311.

—Príncipe de Espanha

D. Juan de Bourbon (1913-1993), conde de Barcelona e príncipe real de Espanha. Era filho de Afonso XIII (1887-1941), então rei de Espanha e de Vitória Eugénia de Battenberg (1887-1969), neta da rainha Vitória do Reino Unido. É o avô do atual rei de Espanha, Filipe VI (n. 1968). Foi pretendente ao trono de Espanha, que acabou por renunciar a favor do seu filho Juan Carlos I (n.1938), tendo permanecido exilado no Estoril (Portugal) durante a ditadura de Francisco Franco. Esteve na Madeira em 1950, 1958 e 1966. Foi agraciado com a grã-cruz da Ordem Militar de Cristo de Portugal em 1986.

EVENTOS HISTÓRICOS MARCANTES

Registos de alguns eventos históricos, ocorridos na Madeira durante o século XX, que tiveram eco na imprensa nacional e internacional.

—Primeiro automóvel na Madeira (1904)

O primeiro automóvel a circular na Madeira foi um Wolseley de 1904 trazido por Bernard Harvey Foster (1876-1937), turista britânico que se encontrava hospedado no New Reid's Hotel, juntamente com a sua esposa e filha. O automóvel, utilizado nas deslocações do casal durante a sua estadia, chegou ao Funchal a 21 de janeiro de 1904 e saiu, para Inglaterra, a 24 de maio de 1904.

—Bombardeamento no Funchal (1916)

A 3 de dezembro de 1916, ocorreu um ataque do submarino alemão S.M. U-38 ao ancoradouro e à cidade do Funchal. Foram torpedeados três dos vários navios fundeados na baía do Funchal, nomeadamente a canhoneira da Marinha Nacional Francesa *Surprise*, o porta-submarinos francês *Kanguroo* e ainda o cargueiro/lança-cabos britânico *Dacia*, que se encontrava numa missão secreta de corte dos cabos submarinos alemães. O Funchal foi bombardeado durante duas horas, tendo por alvo a estação de cabos submarinos e os geradores de eletricidade, assim como as baterias de artilharia da Quinta Vigia e do Forte de São Tiago. Além de prejuízos materiais, houve a lamentar a morte de 43 pessoas.

—Segundo bombardeamento do Funchal (1917)

Na alvorada de 12 de dezembro de 1917, a cidade acordou com o reventamento de granadas alemãs lançadas pelo submarino U-156. O ataque surpresa, que durou cerca de meia hora,



Photographia Vicente. Bernard Harvey Foster nos jardins do Reid's New Hotel, atual Belmond Reid's Hotel (1904-03-18). MFM-AV, Inv. VIC/5194.



Perestrellos Photographos. Vapor Kangaroo a afundar, durante o bombardeamento da cidade do Funchal (1916-12-03). MFM-AV, Inv. PER/3020.



Perestrellos Photographos. Danos na igreja de Santa Clara, após o bombardeamento da cidade do Funchal (1917-12-12). MFM-AV, Inv. PER/3028.

tinha por alvos o cabo submarino, a estação de rádio, o palácio de São Lourenço, as plataformas de artilharia e o forte de São Tiago, sendo deflagradas cerca de 50 peças que atingiram vários pontos da cidade. Esta ação bélica causou 5 mortes e feriu cerca de 30 pessoas, sendo que uma das granadas atingiu a igreja de Santa Clara (posicionada perto de um dos alvos, a estação de rádio), o que resultou na morte de uma pessoa e no ferimento de outras três, onde se incluiu o padre Abel da Silva Branco que aí se encontrava a celebrar missa. Os ataques de 1916 e de 1917 mantiveram a população em polvorosa e por motivos de segurança foi proibida a iluminação noturna até ao término do conflito, sendo reposta a normalidade a 11 de novembro de 1918.



Perestrellos Photographos. Acidente com o comboio da Companhia de Caminhos de Ferro do Monte, freguesia de Santa Luzia, Funchal (1919-09-10).

MFM-AV, inv. PER/14112.

—Explosão do Comboio do Monte (1919)

O primeiro troço do caminho de ferro do Monte, entre o Pomal e a Levada de Santa Luzia, foi inaugurado em 1893. Esta linha foi expandida a partir de 1910, até ao Terreiro da Luta. Devido a problemas financeiros, a manutenção do comboio, que apresentava graves sinais de desgaste, foi descuidada. Esta situação, resultou numa explosão na caldeira de uma locomotiva, quando o comboio subia em direção ao Monte. Deste acidente resultaram 4 mortos e vários feridos, entre os 56 passageiros a bordo. A 11 de Janeiro de 1932, aconteceu novo desastre, desta vez por descarriamento. Em abril de 1943 deu-se a última viagem do comboio, tendo a linha sido logo desmantelada, e o material vendido como sucata.

—Primeira travessia aérea Lisboa-Funchal (1921)

Gago Coutinho (1869-1959) foi um dos pioneiros da aviação portuguesa, tendo desenvolvido o sextante de horizonte artificial, um dispositivo de navegação aérea e, conjuntamente com o capitão-tenente Sacadura Cabral (1881-1924), inventou ainda um «corretor de rumos», que compensava o desvio causado pelo vento. Estes instrumentos foram testados com sucesso, na primeira travessia aérea Lisboa-Funchal, realizada em 1921, no hidroavião Felixtowe F-3. Este voo foi o ensaio para a primeira travessia aérea do Atlântico Sul, a bordo do hidroavião Fairey II D MkLL, batizado *Lusitânia*. A viagem, com destino ao Rio de Janeiro, assinalou o centenário da independência do Brasil, e foi iniciada em Lisboa, a 30 de março de 1922. O hidroavião Felixtowe F3, da Aviação Naval Portuguesa, tripulado pelo capitão de mar e guerra Gago Coutinho e capitão-tenente Sacadura Cabral, partiu da doca do Bom Sucesso na manhã de 22 de março de 1921, e amarou no porto do Funchal pelas 17h15. Esta ligação experimental entre a capital portuguesa e a Madeira, que teve a duração de 7 horas e 30 minutos, visava testar novos instrumentos de navegação aérea e ensaiar a pioneira travessia do Atlântico Sul, que viria a ser comandada por Sacadura Cabral e Gago Coutinho, no ano seguinte.

—Graf Zeppelin (1928)

Há 95 anos o Funchal sobrevoado pela primeira vez pelo dirigível alemão LZ 127 «Graf Zeppelin». Foi a sua 1.^a ligação aérea comercial transatlântica, tendo partido de Friedrichshafen, na Alemanha, em direção a Lakehurst, nos Estados Unidos da América. Neste primeiro sobrevoou pela ilha, foram lançados do dirigível 2 sacos com correspondência postal, escrita simbolicamente pelos próprios passageiros, com o objetivo de serem entregues no Consulado da Alemanha na região e reenviados posteriormente a diversos destinatários alemães. O «Graf Zeppelin» trazia a bordo 57 pessoas, entre passageiros e tripulação, comandada por Hugo



Photographia Vicente. Retrato de grupo com Sacadura Cabral, sentado, à esquerda, Gago Coutinho, à direita, Roger Soubiran, de pé, à esquerda, e, à direita, Manuel de Ortins Bettencourt (26-03-1921). MFM-AV, Inv. VICC/13253.



Perestrellos Photographos. Gago Coutinho e Sacadura Cabral à chegada à Madeira (1921-03-22). MFM-AV, inv. PER/3291.



Photographia Vicente. Dirigível germânico «Graf Zeppelin» sobrevoando a cidade do Funchal (1928-10-12). MFM-AV, inv. VIC/21335.

Eckener (1868-1954) que era também gerente da «Luftschiffbau Zeppelin», empresa, fundada em 1908 pelo conde Ferdinand von Zeppelin (1838-1917).

TURISMO-EX-LIBRIS DA INDÚSTRIA

Registos de imagens simbólicas e de unidades hoteleiras que propagaram o destino Madeira pelo mundo.

—Hotel Reid's

Foi e continua a ser um dos hotéis de referência, com múltiplos prémios alusivos aos seu requinte e qualidade. São diversas as personalidades que aqui ficaram hospedadas ao longo dos tempos

—Hotel Savoy

Entretanto demolido e totalmente reedificado com outra escala, foi a exemplo do Reid's, um dos hotéis mais concorridos do Funchal.

—Bazar Turista

Foram vários os espaços comerciais dedicados à venda de produtos regionais. Desses produtos, destacam-se os vimes, os bordados Madeira, o vinho e outros que os forasteiros compravam como *souvenirs*.

—Bomboteiros

Os navios que faziam escala no porto do Funchal eram abordados por pequenas lanchas, que a partir do mar, apresentavam alguns produtos típicos aos viajantes. Esses vendedores ficaram conhecidos por bomboteiros.



Foto Figueiras. Hotel Reid's (posterior a 1938). MFM-AV, Inv. PHF/165.



Perestrellos Photographos. Retrato de um grupo de banhistas numa plataforma em frente do hotel Savoy, freguesia da Sé, concelho do Funchal (1931).

MFM-AV, inv. PER/3815.



Perestrellos Photographos. «Bazar Turista», rua das Murças, freguesia da Sé, concelho do Funchal (30-08-1958). MFM-AV, inv. PER/9259.



Foto Figueiras. Bomboteiros a vender as tradicionais toalhas de Bordado Madeira, na baía da cidade do Funchal (posterior a 1939). MFM-AV, Inv. PHE/1.



Perestrellos Photographos. Madeira-Pérola do Atlântico = Madeira-Pearl of the Atlantic (entre 1950 e 1957). MFM-AV, inv. MFM-AV/23_6.

—Carro de bois

Meio de transporte tipicamente madeirense, cedo se tornou um atrativo turístico, em que uma espécie de trenó era puxado por uma junta de bois. Até à década de 80 do século XX, este meio de transporte era comum nas ruas do Funchal.

—Bordadeira

O bordado Madeira é conhecido em todo o mundo, sendo um produto de excelência e de muita qualidade. Por muitas vezes o turismo da Madeira se serviu da imagem da bordadeira para promover o destino.

Não termino sem antes endereçar um grande agradecimento pelo convite para estar nestas jornadas aproveitar para vos convidar a visitarem as belezas que a nossa ilha tem para oferecer sem



Perestrellos Photographos. Madeira-Pérola do Atlântico = Madeira-Pearl of the Atlantic (entre 1950 e 1957). MFM-AV, inv. MFM-AV/23_4.

esquecer uma visita a este espaço único no panorama do território português que é o Museu de Fotografia da Madeira-Atelier Vicentes.